

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DO ESTÁGIO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Yasmin Gabrielly Sousa Vidinho Santos (1); Verônica Araujo Nascimento (2); Marise Marçalina de Castro Silva Rosa (3)

- (1) *Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, yas.vidinho@outlook.com*
(2) *Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, veronica_raujo@hotmail.com*
(3) *Profa. Dra. do Departamento de Educação I, da Universidade Federal do Maranhão e orientadora mmarcalina@yahoo.com.br*

Resumo:

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no Estágio em Docência dos Anos Iniciais do curso de Pedagogia da UFMA durante o período de 2015.1, cujo objetivo é refletir sobre o papel desse estágio na construção do perfil docente dos estagiários. A discussão parte da reflexão da seguinte questão: “o que é escola dos anos iniciais e qual é o papel do docente que atua nessa etapa da educação básica?”. Parte-se do pressuposto que este componente curricular se trata de uma proposta que permite a apropriação e construção de saberes essenciais ao docente. Para tanto, precisou-se discutir o estágio sob a perspectiva de apropriação e construção de conhecimentos e mobilização de saberes, dialogando com estudiosos como FREIRE (1996), por exemplo. Conclui-se que este estágio se apresenta como um importante meio de conhecimento da realidade docente, uma vez que valoriza a reflexão, a crítica e proporciona a autonomia dos estagiários.

Palavras-chaves: Estágio. Anos iniciais. Prática docente. Formação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no Estágio em Docência dos Anos Iniciais do curso de Pedagogia da UFMA e nossa discussão se justifica na busca por explicitar a seguinte questão “o que é escola dos anos iniciais?”. O estágio tem início na universidade, nesse momento ocorre a apresentação da disciplina, do conteúdo programático e também as reflexões iniciais acerca dessa atividade tão importante para a formação docente. Acontece em três momentos, onde o primeiro momento, de acordo com o conteúdo programático, tem a duração de 12 horas/aula e são discutidas as concepções de estágio. Além da natureza, conceitos, dimensões, sistemática e aspectos constitutivos do Estágio Supervisionado em Docência. Também é o momento onde é elaborado o Plano de Atividades e são apresentadas as metodologias que serão abordadas: registros, entrega de documentação, portfólio e diário de campo.

A segunda etapa do estágio constitui na investigação da docência no contexto escolar, que tem duração de 20 horas. Nessa etapa acontece a observação participante, investigação sobre a história de vida dos sujeitos, cultura organizacional da escola, rotinas de trabalho, relação professor-aluno-estagiário e diagnóstico da realidade escolar. Na terceira etapa é quando as estagiárias vão

¹ Este trabalho é resultado das experiências no estágio curricular supervisionado dos anos iniciais do ensino fundamental.

partir para a construção da docência no cotidiano escolar. Em suma, envolve fazer planejamentos para assumir a sala de aula durante todo o tempo que resta para o estágio, o que correspondeu ao período de quatro meses.

A intenção principal na construção da docência, foi proporcionar aos alunos aulas diferentes das tradicionais que eles tinham todo o tempo. Principalmente, a ideia era colocá-los em contato com cultura, que é essencial para a formação do ser humano. Outro objetivo foi estimulá-los a querer estar na escola, participar das aulas e o mais importante, desenvolver a criatividade e criticidade. Mas foi preciso fazer esse exercício de conscientização, mostrando o quanto pode ser feito mesmo com poucos recursos.

O objetivo é, através desse trabalho, refletir sobre o papel desse estágio na construção do perfil docente dos estagiários, sabe-se que se tratam de objetivos ambiciosos, levando em consideração o tempo que se teve para atingi-los, um período de cinco meses, e também porque esse trabalho precisa ser contínuo.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. (FREIRE, 1996)

REFLEXÕES ACERCA DO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA DE SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Uma ideia bastante discutida na sala de aula da universidade antes de ir para a escola foi “o que é a escola dos anos iniciais? ”. Cada pessoa respondeu de acordo com a noção que tinha sobre essa escola e ao final chegou-se à conclusão de que a escola dos anos iniciais é uma escola da infância, da língua materna, deve refletir o brincar, a curiosidade, ludicidade, letramento... A partir dessas ideias iniciais e depois de definir as duplas com quem cada um trabalharia, deu-se início à pesquisa de autores que tratam do estágio, propriamente dito, bem como a construção um referencial teórico-metodológico prático.

O ato de assumir a sala de aula é essencial para o aprendizado da profissão docente, pois apesar da grande importância do estudo das teorias, para que elas tenham validade é preciso refletir a prática através dela. Segundo Tardif (2002),

O saber supõe um conjunto de saberes e, portanto, um conjunto de competências diferenciadas. Para ensinar, o professor deve ser capaz de assimilar uma tradição pedagógica que se manifesta através de hábitos, rotinas e truques do ofício; deve possuir uma competência cultural oriunda da cultura comum e dos saberes cotidianos que partilha

com seus alunos; deve ser capaz de argumentar e de defender um ponto de vista; deve ser capaz de se expressar com uma certa autenticidade, diante dos alunos [...].

Portanto é preciso conviver na sala de aula, com pessoas, alunos reais que tornarão o professor um profissional docente também real. Isso porque concordamos com Freire (1974, p.24) que (...) "A prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo." Não devemos esquecer ainda o papel do estágio em familiarizar os estagiários com a gestão do ensino, pois ao longo de estágio ela se revela em diversos momentos e de variadas maneiras.

A exemplo temos a gestão das ideias, dos conteúdos e atividades nos momentos que eram resguardados ao planejamento, que era feito sempre em conjunto pela dupla, é necessário também fazer uso da boa gestão para as discussões temáticas em cada aula, pois nosso intuito era sempre de alcançar o máximo de participação, mas sem delimita-la demasiadamente, engessando-a, nem tão pouco permitir que ela perdesse o foco.

A gestão do espaço-tempo que é imprescindível e no início se mostrou uma dificuldade que felizmente foi superada ao longo das semanas. Ela é responsável pela contextualização, precisávamos gerir as intervenções didáticas tanto no planejamento como na organização dos tempos, principalmente, nas muitas eventualidades que surgirem no processo. Nesse sentido concordamos com Roy (1991) apud Gauthier (1998, p. 242) quando explicita que "o processo de planejamento da gestão da classe se caracteriza pela tomada de um conjunto de decisões relativas à seleção, à organização e ao sequenciamento de rotinas de atividades, de rotinas de intervenção, de rotinas de supervisão e de rotinas de execução. "

O estágio supervisionado é muito importante para a formação do docente, porque é através dele que o profissional em formação tem o primeiro contato com o seu trabalho e reflete acerca de sua prática, interligando tudo que aprende na universidade com a vivência em sala de aula.

"O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá refletir sobre e vislumbrar futuras ações pedagógicas. Assim, sua formação tornar-se-á mais significativa quando essas experiências forem socializadas em sua sala de aula com seus colegas, produzindo discussão, possibilitando uma reflexão crítica, construindo a sua identidade e lançando, dessa forma, "um novo olhar sobre o ensino, a aprendizagem [e] a função do educador" (PASSERINI, 2007, p. 32).

Dessa forma, a conclusão do estágio supervisionado deve acontecer na universidade, com a socialização das experiências vividas na escola, possibilitando uma reflexão crítica e melhorando a prática educativa.

RESULTADOS

A experiência com a docência nos Anos Iniciais proporcionou aprendizados que serão carregados para o resto da vida, tanto profissional, quanto pessoal. O crescimento de todas as estagiárias foi evidente, todas passando por obstáculos, superando limites e realizando trabalhos surpreendentes nas salas de aula, mas é praticável afirmar que transitar entre a prática docente se torna um prazer e alcança naturalidade ao longo das semanas, a partir constata-se a evolução e a segurança alcançadas. Essa foi a primeira vez que muitas das estagiárias assumiram a gestão de uma sala de aula.

A prática foi construída visando valorizar acima de tudo a cultura que os alunos vivem e respiram, bem como a cultura mais elaborada que eles precisam ter acesso para promover a própria libertação, sem, é claro, negligenciar os conteúdos sistemáticos que também são extremamente importantes para a formação.

Certamente, não se pode contestar a importância dos conteúdos das disciplinas tradicionais (Matemática, Geografia, História, Ciências etc.), que são imprescindíveis para a formação humana e não podem, sob nenhum pretexto, ser minimizados. Todavia, conteúdos como a dança, a música, as artes plásticas e outras manifestações da cultura são igualmente necessários para o usufruto de uma vida plena de realização pessoal. (PARO, 2011).

Problemas foram enfrentados, como a ausência de criatividade dos alunos, ocasionada pela falta de estímulo, pelo currículo tradicional que permeia as práticas, sempre tentando dialogar com as crianças em todas as situações, ao invés de impor o conteúdo a elas. “O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo (...), e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.” (FREIRE, 1992, p.47)

Apesar da prática ter sido fundamentada em teóricos humanistas e críticos, houveram algumas falhas. Nem sempre as estagiárias souberam como trabalhar com um aluno que tem autismo, por exemplo, com a flexibilização das aulas. Isso foi algo construído com o tempo, com os erros e refletindo sobre essas práticas. Ao longo do tempo, foi necessário aprender a fazer melhores seqüências didáticas, a utilizar recursos baratos e que permitisse proporcionar atividades eficazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação precisa respeitar o educando, em primeiro lugar. Suas necessidades, contexto, conhecimentos prévios, devem ser valorizados e colocados como ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem. Se o professor não descer do pedestal e não dialogar, mostrar ao aluno que também precisa aprender com ele, ser o mediador que levará o aluno a atingir a consciência crítica, dificilmente o processo terá resultados positivos, levando em consideração os objetivos da educação de formar cidadãos.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1987)

Todas as práticas que foram realizadas dentro da sala de aula partiram de diálogos, tanto com a professora quanto com os alunos. O diálogo foi a principal ferramenta para a construção do processo de ensino e aprendizagem, porque a partir dele foi possível entrar em contato com os conhecimentos que os alunos carregam acerca de determinada temática. Paulo Freire (1987, p.16) coloca que “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e; nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se.” É a partir do diálogo que se constitui a consciência, que se partilha ideias e experiências e que se valoriza o outro.

Na reta final do estágio, a partir de reflexões, foi possível perceber que os pensamentos sobre o que seria essa experiência, mudaram. Nas reflexões introdutórias que são feitas na universidade antes de ingressar na escola, muitos alunos pensam que o estágio é uma preparação para a profissão docente que será exercida depois da formatura. Como é constatado por Paulo Freire (1996, p. 106-107), “me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”, de maneira tão magistral ele mostra que é primordial que o docente se entenda como um sujeito reflexivo.

Esse pensamento resumido à preparação para a profissão docente não leva em consideração que o estágio em si é docência pura, pois exercer a função de docente inclui: se aproximar dos alunos, construir confiança, criar laços afetivos, dialogar, planejar aulas, ensinar e aprender, saber ouvir, orientá-los na construção da autonomia, e principalmente refletir sobre a sua

prática. Foi observado que “as relações afetivas se evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.” (ALMEIDA, 1999, apud LEITE, p. 107). A reflexão leva a compreender o que deu certo e o que não deu, para que se possa aprender com os erros e melhorá-los, construindo um processo de ensino e aprendizagem que realmente forma cidadãos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25ª ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Ed. 17ª

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GAUTHIER, C. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** RS, Ed. Unijuí, 1998.

LEITE, Sérgio Antonio da S. et all. **A Afetividade em Sala de Aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PARO, Vitor. **O currículo do ensino fundamental como tema de política pública: a cultura como conteúdo central.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 485-508, jul./set. 2011

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002